

Ilha grande fechada

Autor(a): Maria Júlia Vanin | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema:

Referência geográfica do conteúdo: Açores, Portugal

Data de publicação: 14/05/2009

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Enasio sobre Ilha grande fechada de Daniel de Sá. Apontando as relações entre memória e texto.

CONTEÚDO

Ilha grande fechada

Uma ilha grande fechada, que durante muito tempo só se abriu para deixar sair gente
(SÁ, Daniel de. Ilha Grande Fechada, p. 22).

Nascido na freguesia da Maia, Concelho da Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel em 2 de março de 1944, Daniel Augusto Raposo de Sá fez o Curso de Magistério Primário, cursou Filosofia e saiu da Ilha para frequentar o curso de Teologia no seminário Camboniano de Valência, Espanha.

Após a experiência no Exterior, inclusive na Guerra Colonial, optou por lecionar no ensino Básico, na Maia, onde escolheu continuar vivendo. Talvez por isso seja considerado o mais isolado escritor açoriano, o que não o impede de praticar também um universalismo na sua literatura que, antes de mais nada, privilegia o homem e a sua circunstância, independente do espaço em que se encontra. Sou um escritor açoriano, diz ele em entrevista a Vamberto Freitas:

Sou um açoriano que espreita no meio do vendaval que é a Literatura, e nunca pedi licença quando quis sair da Ilha. Mesmo quando falo dos Açores ou da minha freguesia simplesmente, o que me interessa é o problema do Homem... (1998, p. 142).

A sua narrativa pode ter como cenário tanto a África e a guerra que presenciou, como a Espanha, os EUA, ou mesmo os Açores. Em todas as suas obras encontra-se o testemunho de um tempo desordenado, confuso: o seu tempo. Nessa vivência de mundo, está o viver açoriano e a aguda observação do autor diante dos valores e das regras que tal viver impõe.

Predomina, em sua obra, o modo de viver do açoriano frente a sua História e ao lugar a que chama de lar. Como os escritores açorianos pós-25 de Abril, também o nosso autor acrescenta a esse universo diegético alguns outros elementos, capazes de ampliar a reflexão sobre a circunstância humana, seja ela num arquipélago ou em qualquer lugar do planeta.

Ilha grande fechada mostra-nos, a trajetória de João, um romeiro em vésperas de emigrar para o Canadá. A narrativa costura passado e presente, tramando a história do País e o drama pessoal do seu protagonista. Nosso João cumpre a sua romaria em nove dias, os quais passa a pão e água, orando e relembando os fatos marcantes da sua vida.

A narrativa desenrola-se neste tão bem escolhido cenário, o da Romaria em torno da ilha de São Miguel, palco para doloridos exames de consciência em meio às lembranças e aos obstáculos do caminho. Dentre as tradições desta ilha em especial, a romaria avulta como a mais árdua e das mais antigas. É no tempo da Quaresma, provavelmente por ser esta época mais propícia à penitência e em que os trabalhos agrícolas exigem menos braços, que são visitadas as casas de Nossa Senhora e as igrejas onde se veneram imagens da Virgem Mãe de Deus. Tais procissões tiveram origem certamente na sequência de calamidades que açotaram o povo micaelense e que, na linguagem popular, têm o nome de castigos.

Pois o castigo de João fora a guerra. Ele sentiu a morte de perto, destruindo seu ânimo e sua resistência - tanto física quanto psicológica. Acabou vinte e tantos meses em Angola, e foi promovido a herói português, sem as merecidas honrarias - a cruz de guerra de quarta classe era, pois, o seu diploma de herói (p. 17).

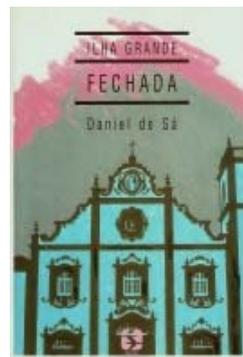
O autor nos revela a face bruta da Guerra Colonial, e, também, a face daquele que não sabe ao certo quem é, e que busca sua identidade. Mostra, ainda, o verdadeiro rosto dos que partem à procura de um lugar que seja seu, mais além no horizonte. É a face do emigrante.

A obra está dividida em nove capítulos, todos com subtítulos emprestados de outras obras de escritores açorianos: Lugar de Massacre, de José Martins Garcia; Gente feliz com lágrimas, de João de Melo; Uma pedra no sapato, de Artur Veríssimo; (Sapa)teia Americana, de Onésimo Teotónio Almeida; Sabeis quem é esse João? de Alamo Oliveira; Longe é aqui, de Lúcia Costa Melo; As brancas passagens do silêncio, de Eduardo Bettencourt Pinto; Raiz comovida, de Cristóvão de Aguiar e A viagem possível, de Emanuel Félix. Cada título simboliza uma das situações vividas pelo romeiro. Cada capítulo é um dia na vida de João, e um retorno às recordações que tecem a trama da sua história.

O protagonista inicia sua peregrinação através dos caminhos trilhados há muito por tantos outros romeiros. Começa por relembra a guerra - prometeu ir de romaria se não fosse mobilizado, mas foi faticamente escolhido para lutar. Em criança, sonhara ser oficial do exército. Quando a guerra deveras o surpreendeu, já tinha consciência de que ela não era tão bela como nas aventuras do cinema.

João sabia que a sua penitência não seria fácil, visto que prometera ir a pão e água. Então ele vai, subindo e descendo ladeiras. Uma cruz ao lado da estrada indica que ali morreu um romeiro e, desde então, o lugar é parada certa para oração e meditação. Nesse primeiro dia, João relembra o medo que tivera ao encarar a morte de frente. Sem saber direito como aconteceu, fora baleado na barriga, mas sobrevivera. Sorte igual não tiveram seus companheiros Mariano, António e Nunes. Essas e outras mortes faziam parte da medalha de guerra dada a João por dois anos sacrificados à Pátria. Na altura, contava ele com apenas vinte anos de idade.

Clique nas imagens para ampliar



Ilha grande fechada. Capa.



Daniel de Sá.



Romeiros da Ilha de São Miguel



Ilha de São Miguel